



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MEIO SÉCULO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA MÚSICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA: UMA HERANÇA RELIGIOSA E FAMILIAR (1950- 2000)

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro*
(UESB)

Priscila Correia de Sousa Carneiro**
(UESB)

RESUMO

Na pesquisa, ora em andamento, intitulada Meio Século de História e Memória da Música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar (1950-2000), inicialmente realizamos o estudo sobre o desenvolvimento da cidade em uma perspectiva geográfico-histórica, com a finalidade de compreender como ocorreu o desenvolvimento da música juntamente com o crescimento da cidade. Objetivamos traçar um percurso das principais instituições e verificar a influência de uma herança familiar, religiosa, como também o contexto histórico social, que proporcionou, no período de 1950-2000, a formação de uma educação musical voltada, sobretudo, para uma vertente mais clássica e/ou erudita da música, objetivando tomar como base as igrejas batistas conquistenses, especialmente as fundadoras, relacionando-as com a formação de musicistas e a instalação de academias e conservatórios de músicas.

PALAVRAS- CHAVE: Educação musical. História. Memória. Vitória da Conquista. Família e Herança Religiosa.

INTRODUÇÃO

A proposta de pesquisa Meio Século de História e Memória da Música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar (1950-2000) estabelece

*Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia- UFBA e Pós- Doutora e, Educação pela UNICAMP. Pesquisadora do Museu Pedagógico- UESB e participante do Programa de Pós Graduação do Mestrado de Memória: Linguagem e Sociedade. Grupo de Pesquisa: Fundamentos da Educação: Memória, Igreja, Estado e Educação. E-mail: apcasimiro1@gmail.com

** Discente do Mestrado Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Grupo de Pesquisa: Fundamentos da Educação: Memória, Igreja, Estado e Educação. E-mail: cilla_correia@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

primeiramente a relação entre a música, e o desenvolvimento da cidade, em uma perspectiva histórico – geográfica. Como podemos observar nos registros históricos da cidade, sobretudo aqueles realizados por Mozart Tanajura, e Aníbal Viana¹⁹⁵, já havia uma valorização da música, e uma relação muito estreita entre o meio rural e o meio urbano, principalmente após a implantação do Arraial da Conquista, visto que o meio rural era mais populoso que o urbano. Realidade que progrediu mesmo quando se tornou a Vila da Vitória, se estendendo aos primeiros anos como cidade.

Enquanto na vila imperava a solidão, quando não passavam as boiadas, nas fazendas, a vida era dinâmica e corria normalmente, no afã de trabalhar e produzir. Em muitas haviam escolas, ministradas por professores contratados pelos fazendeiros para ensinarem aos seus filhos e aos dos agregados. Outras fazendas davam ao luxo de ter bandas de música, coisa inexistente até nas cidades civilizadas do litoral e capela para celebração de missas e batizados. (TANAJURA, 1992, p.28-29).

Tanajura (2000)¹⁹⁶ afirma que a música em Vitória da Conquista tem suas raízes nos folguedos populares e nos bailes pastoris, que vêm desde os tempos da Imperial Vila da Vitória. Mais tarde, por volta do ano de 1910, surgem as bandas de música, cujas apresentações eram realizadas nos dias festivos e comemorações cívicas.

Mas, segundo Viana¹⁹⁷ (1985), desde 1847 já existia na vila um grupo de músicos que tocava marchas fúnebres nos funerais da cidade. Consta, nesse mesmo período, o surgimento da primeira Filarmônica, fundada e regida pelo Prof. Ernesto Dantas. A segunda, que surgiu em desativação da primeira, era composta por pessoas de destaque na cidade, naquele período, como: José Maximiliano

¹⁹⁵Historiadores não profissionais (Historiadores Locais) que escreveram sobre a localidade.

¹⁹⁶ Informações retiradas do Informativo O Cancioneiro de Conquista- Mozart Tanajura- 2000, disponibilizado pelo Museu Regional UESB.

¹⁹⁷ Revista Histórica de Conquista- Volume 2. Aníbal Lopes Viana.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Fernandes de Oliveira (regente), Sebastião, João e Henrique de Farias, Francisco Piloto da Silva, Abílio Braga, dentre outros.

O município de Vitória da Conquista, conforme dados do Instituto Brasileiro Geográfico (IBGE) ¹⁹⁸, é um dos maiores e mais populosos do Estado da Bahia, contando atualmente com 315.884 habitantes. Possui a característica de liderança regional, pois tem se firmado como importante entreposto nas áreas de comércio, educação, saúde, lazer, e serviços.

A cidade, atualmente é conhecida e reconhecida como importante “celeiro cultural” ¹⁹⁹, cujos artistas da terra são muitos e alguns nomes destacados nacionalmente como Glauber Rocha - no cinema, Adilson Santos, Aurino Cajaíba da Silva- nas artes plásticas, Elomar Figueira Mello, Xangai, João Omar, dentre outros nomes conhecidos, regionalmente como Gutemberg Vieira, Geslaney Brito, Elder Oliveira etc. - na música.

No decorrer da nossa observação empírica, tomamos conhecimento da atuação das famílias batistas conquistenses, principalmente aquelas originais, ligadas à Primeira Igreja Batista e a Segunda Igreja Batista, como mais tarde à Igreja Batista Peniel. Dessas três primeiras igrejas, por meio dos seus membros, se originaram as primeiras escolas de música e os primeiros conservatórios que, depois, se desdobraram em muitos outros, geralmente sob direção feminina. Tudo leva a crer que ensinavam música erudita (principalmente piano, acordeom, órgão e canto coral) com finalidades ligadas à fé, à evangelização e à “Glória de Deus”- na sua concepção protestante. Muitas dessas escolas permanecem até hoje, atuantes e vigorosas, formando músicos que cantam e regem nos corais das igrejas, tocam piano e órgãos nos ofícios religiosos, mas, alguns também se realizaram como músicos profissionais. Esta é a nossa hipótese.

¹⁹⁸ Informações conforme censo realizado em 01 de Julho de 2012, realizado pelo IBGE, www.ibge.gov.br.

¹⁹⁹ Ideia encontrada muitas vezes em depoimentos sobre a cidade, presentes em entrevistas, jornais, artigos, informativos, etc., como por exemplo, o Informativo de distribuição dirigida, da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, Nov./Dez- 2004 Ano 1- Nº 01, de onde foi retirada essa expressão.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Não nos prenderemos neste trabalho sobre as diferenciações de estilos e de percepções musicais existentes na cidade, nem em analisar a música somente pelo aspecto estético e artístico. Mas, sim, nos deteremos em compreender como se deu a História e a Memória da Música em Vitória da Conquista, a partir de uma herança religiosa e familiar, no período entre (1950-2000). Objetivando, também, com esta proposta de pesquisa, valorizar a cultura regional/ local, suscitando o interesse da utilização de outras fontes de conhecimento (como a música) no fazer acadêmico.

Esta proposta de pesquisa se insere no intuito de traçar o caminho trilhado pela Educação Musical na cidade de Vitória da Conquista no período de (1950-2000), fazendo-se necessário aqui iniciarmos o percurso teórico pelo conceito de memória.

Ao falarmos em memória geralmente associamos esta, a lembranças, passado, esquecimento, memórias instantâneas, passageiras, duradouras. Mas afinal, o que é memória? Para que serve?

Conforme Medeiros, em conferência²⁰⁰:

A memória no âmbito das ciências sociais, é a tensão entre o registro e o seu esquecimento e o seu uso. Isto é, tensão entre registro e esquecimento, a tensão entre o seu registro e seu uso, inclusive interpretação. Registro encontra-se aqui tanto como registro simplesmente dado na consciência (inclusive percepção mantida de e consciência de) como registro lançado num suporte (como o texto escrito). (MEDEIROS, 2005).

Sendo assim, gostaríamos de perceber, como a música na cidade, ganha essa visibilidade, a partir da conformação das redes de relações mais amplas associadas ao destino da cidade. Utilizaremos para isso, da memória como meio de perceber as trocas simbólicas que ocorrem a partir da interação entre as pessoas e grupos

²⁰⁰ Palestra apresentada no V Colóquio do Museu Pedagógico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em 08 de Dezembro de 2005.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

envolvidos com a música em Vitória da Conquista, ressaltando inclusive a importância da coletividade para essa construção. Pois, conforme Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É Porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.26).

Para Halbwachs, a memória vai partir da coletividade, uma vez que não existem memórias puramente individuais; visto que nossas lembranças estão associadas à coletividade que colaborou para a construção das memórias à qual recorreremos para reconstruir um percurso, ou trajetória de algo ou de alguém, cuja importância se explicita nas tentativas de valorização e rememoração da mesma.

Além da coletividade, o referido autor chama a atenção para a seletividade da memória, pois, lembramos daquilo que é significativo para nós, partindo sempre do que é vivenciado, pois a relação entre o lembrar e o esquecer vai estar intimamente ligado ao que foi vivido. O que podemos perceber no trecho abaixo:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (HALBWACHS, 1990, p.34).

Portanto, além de utilizar a memória como importante aliado, entendemos que o universo simbólico constituído em torno da música, está relacionado, também, às redes de relações, pois partimos da premissa de que nenhuma trajetória é possível de ser constituída isoladamente. Pois, “desde que permaneçamos dentro do âmbito da experiência, contudo, somos obrigados a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

reconhecer que o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos”. (ELIAS, 1994, p.26-27).

Analisaremos a trajetória da educação musical na cidade, como também de artistas e instrumentistas, que de alguma forma tiveram um contato com a música, seja através de instituições como os conservatórios e igrejas batistas, como também por uma “herança” familiar. Como por exemplo: Elomar Figueira, João Omar de Carvalho Mello, Ricardo Castro; Geslaney Brito (músicos profissionais), Vanilda Figueira, Isabel Figueira e Cláudia Cavalcanti (professoras de música e canto coral) dentre outros, a fim de perceber quais as relações os colocam em contato com essa tradição musical.

Principalmente perceber que há nessa rede de funções uma “ordem invisível em que são constantemente introduzidos os objetivos individuais”, e que não deve “sua origem a uma simples soma de vontades, a uma decisão comum de muitas pessoas individuais” ela faz parte de um todo muito mais complexo, por isso acreditamos que a sua trajetória não está dissociada da formação de uma trajetória musical voltada principalmente para a música clássica. (ELIAS, 1994, p.22).

Deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções. E nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca. (ELIAS, 1994, p.25).

Um artista ou um grupo artístico não se faz reconhecer como tal, como fruto apenas das suas intenções, ele está imerso em um universo de incorporações simbólicas ao longo de sua trajetória e da relação com aqueles que estão ligados a este universo. A esta incorporação simbólica Bordieu atribui o nome de habitus,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

isto é o “*habitus*, a *héxis* indica a disposição incorporada, quase postural, mas sim o de um agente em ação”. (BOURDIEU, 1990, p. 61).

Não dá para pensar uma História e Memória da Música em Vitória da Conquista, dissociada de uma rede de relações que contribuíram para que essa trajetória fosse possível. Por isso esta proposta de pesquisa tem o objetivo de avançar cada vez mais nas percepções sobre o movimento da música, e o que há por trás da construção dessa trajetória musical, de fundamentação clássica, na cidade de Vitória da Conquista, levando em conta essa teia de relação que envolve família, música e religiosidade na história e memória de Vitória da Conquista.

Para compreender a formação deste viés da música em Vitória da Conquista, é necessário inicialmente ressaltar o valor da memória como meio de trazer a tona o passado, e de saber como o mesmo foi possível. Por isso recorreremos às fontes orais, através de entrevistas direcionadas e/ ou livres, este será um dos principais meios que utilizaremos para evocar essas lembranças em torno da música na cidade. Visto que os relatos individuais e coletivos nos ajudam a remontar como este cenário em torno da música foi tecido, quais os sujeitos e instituições foram responsáveis por essa constituição.

Utilizaremos também as fontes documentais, como jornais, fotografias, revistas, informativos, que podem oferecer informações sobre o desenvolvimento da música na cidade e as relações de interdependências dos indivíduos envolvidos neste percurso, com o intuito de reconstruir a teia que possibilitou a valorização e legitimação da música. Principalmente a música cuja fundamentação clássica é tão marcante na cidade, através de uma formação musical, sobretudo institucional (conservatórios, igrejas etc.).

Através do confronto prático com a experiência e a teoria, pretendemos compreender como se deu a formação da música na cidade, tendo o cuidado de não tomar como verdades absolutas o olhar dos sujeitos envolvidos nesse processo, pois conforme Ortiz (2001), o olhar do outro está carregado das suas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

incorporações simbólicas, carregadas também de uma visão cujo foco central fica em apenas um indivíduo ou grupo social.

Por isso também integrará à metodologia, a história e a memória dos músicos envolvidos, para perceber quais os discursos defendidos, quem está envolvido nestas relações de troca, pois consideramos que nenhuma troca é desprovida de intencionalidade, no caso, conforme a hipótese, numa estreita relação entre música, religião e parentesco.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal), 10ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1990.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schroter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO. IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acessado em 01 de julho de 2012.
- MEDEIROS, Ruy Hermann Araujo. **Memória e Cultura- Denúncia da Memória**. A Questão da Cultura Escolar. Palestra Apresentada no V Colóquio do Museu Pedagógico na Universidade do Sudoeste da Bahia-UESB, Vitória da Conquista, Ba, 08 de dezembro de 2005.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- TANAJURA, Mozart. **História de Conquista-** Crônica de uma cidade. Vitória da Conquista, 1992.
- VIANA, Aníbal. Revista histórica de Conquista. Vitória da Conquista. 1985.